

# BOMBISTAS SABOTARAM LINHAS DE SINTRA E DO ESTORIL



Foto de EURICO VASCONCELOS

Pág. 24

## RETORNADOS:

Minoria de 10%  
consome 70%  
do dinheiro da totalidade

Pág. 7

**Op. especial**  
Eleições  
para  
as Autarquias

## BEJA E FARO

# CONTRADIÇÕES EM LIBERDADE

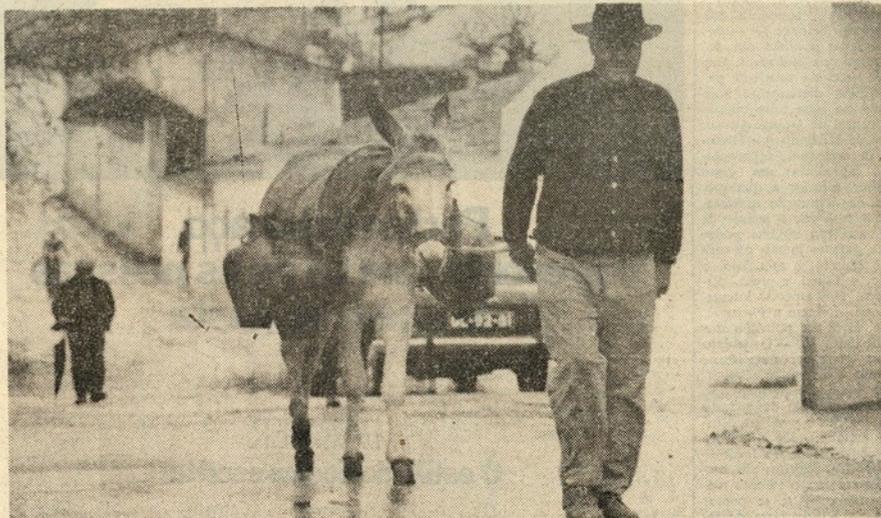


Foto de JOSÉ ANTUNES

## PEQUENOS E MÉDIOS AGRICULTORES REUNIRAM-SE EM ALENQUER

3.º Encontro dos Pequenos e Médios Agricultores que ontem decorreu em Alenquer registou uma larga participação e das conclusões aprovadas poderá resultar uma vida mais decente para aqueles trabalhadores da terra.

Pág. 19

Destacável

# Eleições para as Autarquias

GUIA ELEITORAL

## A CONSTITUIÇÃO DAS CÂMARAS MUNICIPAIS

A Câmara Municipal é um dos três órgãos do Poder local que os cidadãos vão eleger. Será composta por um presidente e vereadores em número variável, entre 4 e 16, sendo todos eleitos directamente. Será presidente da Câmara Municipal o primeiro candidato da lista mais votada ou, no caso de vacatura do cargo, o que se lhe seguir na ordem respectiva. O número de vereadores é de 16 em Lisboa; 12 no Porto; 10 nos municípios com mais de cem mil eleitores; 8 nos municípios de 50 a 100 mil eleitores; 6 nos municípios com mais de 10 mil e até 50 mil eleitores, e 4 nos municípios com 10 mil ou menos eleitores. O presidente é substituído, nas suas faltas e impedimentos, por um dos vereadores escolhido pela Câmara Municipal.

A Câmara Municipal terá uma reunião ordinária mensal, salvo se se reconhecer a conveniência de efectuar reuniões quinzenais ou semanais. O exercício do cargo de presidente será remunerado, em termos a fixar por lei, e os vereadores terão direito às retribuições que vierem, também, a ser fixadas por lei. Compete ao presidente convocar e dirigir as reuniões ordinárias e extraordinárias. As reuniões extraordinárias podem ser convocadas por iniciativa do presidente ou a requerimento da maioria dos vogais, não podendo, neste caso, ser recusada a convocatória. As reuniões extraordinárias serão convocadas com, pelo

menos, dois dias de antecedência, por meio de edital e comunicação escrita aos vereadores.

A Câmara Municipal tem importantes funções, visto que dirigirá a vida do município, procurando desenvolvê-la e melhorá-la em todos os sentidos. Para a sua eleição só concorrerão partidos políticos.

Além dos órgãos referidos, nesta edição e em anteriores, haverá ainda o Conselho Municipal, que não será eleito. É um órgão consultivo do município. Dele farão parte as organizações económicas, sociais, culturais e profissionais existentes na área do concelho.

Segundo o estipulado na lei não são elegíveis para os órgãos das autarquias locais, nestas eleições, os magistrados judiciais e do Ministério Público; funcionários da Justiça e Finanças (com lugares de chefia); membros das forças militares ou militarizadas e de segurança, quando em efectividade de serviço; padres ou ministros de outros cultos com exercício na área da autarquia; agentes e funcionários da autarquia respectiva; falidos e insolventes, salvo se rehabilitados; devedores e respectivos fiadores com morada na autarquia e os que, nos cinco anos, anteriores ao 25 de Abril de 1974, tenham sido presidentes de quaisquer órgãos das autarquias locais e cidadãos colaboradores com o fascismo, salvo se, entretanto, tiverem sido rehabilitados.



# CONTRADIÇÕES EM LIBERDADE

VIAJANDO pelos distritos de Beja e Faro, o que se encontrou? Desilusão, angústia, esperança ténua e uma enorme apatia relativamente ao próximo acto eleitoral. Das contradições fala o texto apresentado nas centrais, onde se pode encontrar a opinião da gente do povo sobre aquilo que ainda não foi feito: arruamentos, esgotos, condições mínimas de vida, levantamento das carências locais, escolas, creches, jardins de infância — e que se veja com outros olhos a questão dos reformados que recebem retribuições de miséria, que muitas vezes nem chegam a ser pagas a tempo e horas. Contradição, ainda, no que respeita ao que se pode observar na planície alentejana e no litoral algarvio. E, no meio de tudo isto, que eleições vamos ter? O povo diz que já não acredita em promessas, insurge-se, até, contra quem lhe aparece portas adentro, a prometer mundos e fundos sobre coisas que se sabe irrealizáveis. O que vimos e ouvimos dá-nos a dimensão frustrante do pensamento do povo, dois anos passados sobre a revolução. Mas, sobre isto apenas se pode dizer: se o povo é quem mais ordena, que se oiça, pelo menos, a sua voz quando se resolver criar um embrião de poder local. É uma exigência que não nos parece gratuita e um objectivo que deve estar na mente de todos aqueles que pretendam acabar com a exploração na nossa sociedade. É, ao fim e ao cabo, uma resposta ao que está escrito na Constituição. E como isso é importante!...

### DISTRITO DE BEJA

ELEITORES INSCRITOS: 142 654, número referente a Junho de 1976.

CONCELHOS: 14.

FREGUESIAS: 89 com mais de trezentos eleitores e 1 com menos de trezentos eleitores.

PERCENTAGENS NAS ELEIÇÕES DE ABRIL/76: P. C. P., 44 • P. S., 31,8 • P. P. D., 8,2 • C. D. S., 4,2 • U. D. P., 2,2 • M. E. S., 1,7 • F. S. P., 1,3 • Votantes, 84,1 • Abstenções, 15,9 • Votos brancos, 1,6 • Votos nulos, 3,2.

CONSIDERANDOS: Não concorrem neste distrito o M. R. P. P., o P. C. P. (m.-l.), a L. C. I., o P. R. T., o P. P. M., o P. D. C. e o G. D. U. P. Apresentam-se às urnas 1 lista de cidadãos independentes, candidata à Assembleia de Freguesia de Vila de Frades.

### DISTRITO DE FARO

ELEITORES INSCRITOS: 237 368, número referente a Junho de 1976.

CONCELHOS: 16.

FREGUESIAS: 71 freguesias com mais de trezentos eleitores.

PERCENTAGENS NAS ELEIÇÕES DE ABRIL/76: P. S., 44,7 • P. P. D., 19,3 • P. C. P., 14,5 • C. D. S., 6,7 • U. D. P., 2,6 • F. S. P., 2 • M. R. P. P., 1 • M. E. S., 0,7 • A. O. C., 0,5 • P. C. P. (m.-l.), 0,4 • Votantes, 80,5 • Abstenções, 19,5 • Votos brancos, 1,4 • Votos nulos, 4,4.

CONSIDERANDOS: Não concorrem neste distrito a L. C. I., o P. P. M., o P. D. C. e o P. R. T. Apresentam-se às urnas, segundo dados que conseguimos apurar, pelo menos 12 listas de cidadãos independentes, candidatas a Assembleias de Freguesia, não havendo nenhum local sem qualquer lista de candidatas.

Coordenação e reportagem de CARNEIRO JACINTO • Fotos de JOSÉ ANTUNES • Colaboração de JOSÉ MOEDAS (Correspondente do «D. P.» em Beja) e MANUEL RELVAS (Correspondente do «D. P.» em Faro)

# Eleições para as Autarquias

DIAS depois de deixar esta cansativa, poluída e "politizada" cidade de Lisboa e de partir estrada fora, com frio e chuva, quase necessantes, à procura da palavra do povo alentejano e algarvio, ao regressar, com a mala cheia de documentos e inúmeros testemunhos da gente dessas terras, o primeiro sentimento que, por dever de consciência, terei de transmitir aos leitores é de profunda frustração. Frustração, não por aquilo que vi e ouvi, nem pela rica experiência que me foi proporcionada, mas por pensar que, por tudo o que observei, a uma semana das eleições para as autarquias locais, último acto cívico inscrito na consolidação da democracia da nova sociedade portuguesa, a descrença das populações é manifesta, a sua falta de esclarecimento chega a ser inacreditável, e o jogo político-partidário que tem condicionado tudo o que se tem feito neste País, desde 25 de Abril, estará talvez a contribuir para que o início da consolidação do poder local se venha a traduzir, apenas, num puro jogo de perdas e ganhos eleitorais, distante, portanto, daquilo que seria importante e desejável — o arranque das populações, para a sua consciencialização e para tomarem em mãos a iniciativa de promover a construção das condições de vida que durante anos e anos lhes foi negada.

Ouvi palavras de queixume e desilusão, por aquilo que no entendimento de todas essas pessoas já poderia ter sido feito por elas e ainda não o foi, por se sentirem cansadas de ouvir os partidos e os políticos a prometerem coisas que, hoje, elas já sabem, por experiência própria, serem impossíveis de realizar, por ninguém continuar a pensar nelas, a não ser nos períodos que antecedem as eleições e em que se lança a caça ao voto, por, numa palavra, a 25 de Abril e a sua esperança terem permanecido, até agora, apenas como símbolo. Velhos, novos, homens e mulheres contaram-me o que tem sido a sua vida, desterrados em montes e vales, sem água, electricidade, transportes, ajudas oficiais seja de que espécie for; protecção. Métidos, na maioria dos casos, no jogo político dos interesses partidários, sem para eles serem tidos nem achados. Para todos, o esclarecimento sobre o que irão ser as próximas eleições não passa das palavras dos representantes dos partidos, que lhes entram porta adentro prometendo mundos e fundos, ou das imagens televisivas que, como me confessaria muita gente, pouco esclarecem, pois poucos são aqueles que as conseguem entender, votados ainda no seu analfabetismo de gente humilde, explorada e ignorada.

Mas, alargou-me a experiência esta viagem pelo Baixo Alentejo e Algarve. Forneceu-me a imagem do contraste entre duas regiões marcadas por problemas completamente diversos. Por terras do distrito de Beja, os efeitos controversos da Reforma Agrária e seus mais recentes "sacertos" marcam profundamente a vida diária das populações. Não foi sem dificuldade que consegui falar com muita gente, sobre as eleições, sem que aqui e além viesse à baila a situação vivida actualmente nas unidades colectivas e

cooperativas. Mas para o sul, já tudo é diferente. O jogo político que envolve as populações, em vésperas de eleições, tem outros tons, é mais "pluralista", como hoje muito se clama, e os desejos, as necessidades, as preocupações são outras.

## ESGOTOS, ÁGUA E REFORMAS

Manhã cedo, pouco passava das nove, cheguei a Odivelas, uma pequena freguesia do concelho de Ferreira do Alentejo. Chovia intensamente e, no local de convívio da aldeia, enquanto me ofereciam uma cõdea de trigo e um naco de presunto, fui conversando com gente da terra.

«Olhe — disse-me um velho —, a primeira coisa de que pode tomar nota é que, só agora, ao fim de mais de vinte anos, começamos a ter água, para beber e para nos lavarmos, mas esgotos é que ainda não. Mas, a respeito das eleições, também lhe posso dizer que, enquanto houver três pessoas, existem três opiniões. Eu, por mim, não dou importância nenhuma a estas eleições, porque sei que nas aldeias as pessoas não sabem, quando vão votar, o que vão fazer. Mesmo que se esclareçam, a verdade é que a maioria são analfabetos. A gente diz-lhes a verdade, não acredita e votam onde não devem. As pessoas, se fossem compreensivas, ouviam todos os partidos, mas não querem. Agora, vai haver muito menos votos, ouço as pessoas a dizer que não vão votar. Sim, as pessoas dos montes, desta vez, não vêm votar e os caçadores, como é domingo, também não vão perder a sua caça.»

Junta-se à conversa uma mulher, pouco mais de cinquenta anos: «Pois olhe, eu acho que estas eleições são muito importantes. Temos tudo tão mal! E gostava de saber o que tem feito este Governo, que até o 13.º mês nos quer tirar... Tenho esta idade, trabalhei toda a minha vida, sou uma doente de bronquite asmática e recebo quinientos escudos de reforma, outros que têm fazendas recebem novecentos. Mas a melhor é esta: tinha um hectare de terra, cortaram-me a contribuição porque aquilo não dava para nada e, agora, a Casa do Povo mandou-me um tecido para pagar 267 escudos de sócio efectivo...»

## VOTAR PARA FAZER COMPARENCIA

Na Vila Ruiva, freguesia do concelho de Cuba, falo com um trabalhador rural. Enquanto vai arrumando umas rações para o gado, diz-me:

«Das eleições não sei nada. Vou votar para fazer a minha comparencia. Mas não sei nada, não sei para quem trabalho (dizem que é para a Reforma Agrária) nem nada disso. Só conheço o ódio e vinganças. A não me deixam ir ajudá-la, minha mãe tem uma terra, mas porque dizem que se for não me dão trabalho. É como lhe digo: vou fazer a minha comparencia, mas não tenho simpatia por partidos. Até agora, não obrigaram a votar em ninguém,

## mas, agora, não sei como vai ser. Não me disseram nada.»

Na Vila Alva, do mesmo concelho, os mesmos queixumes: «Aqui temos duas listas concorrentes, mas tenho a impressão de que a importância de qualquer delas será pouca. Há muita coisa a fazer aqui, na aldeia, mas as possibilidades é que são poucas. Tudo depende da colaboração da população, que até aqui tem sido pouca. Primeiro que tudo, precisamos de água. Temos uma canalização para o Alvíto, mas a Câmara acabou por cortar a água. Além disso, a Câmara não tem dinheiro e, assim, não pode fazer obras. E há mais: têm um carro para a recolha do lixo nas freguesias, que passa a vida à porta das tabernas e não vem fazer a limpeza. Agora a política já se sobrepõe aos interesses do povo e isso não é nada bom. A população está dividida, muito embora se dê bem na vida particular.»

Diz outro: «Eu já não quero saber nada disto. Quanto mais trabalho menos ganho. Além disso, não me dão trabalho em unidades colectivas e trabalho um dia num lado e outro noutro. E ninguém me dá explicação para isso.»

Em plena estrada para o Alvíto, encontro trabalhadoras de uma unidade colectiva na apanha da azeitona. Chorrem, inicialmente mas, mesmo assim, arranjam-se maneira de saber qualquer coisa. Isto:

«Nós, aqui, no que respeita à Câmara de Alvíto já decidimos, num grande plenário que juntou trabalhadores de todos os lados, em quem vamos votar. «Parece-nos ser a pessoa mais capaz, sobretudo pelo trabalho que tem desenvolvido e pela ajuda que sempre nos tem prestado. O plenário examinou as diversas hipóteses e optámos por esta. Está tudo satisfeito.»

(Por motivos óbvios não faço referência objectiva à pessoa em causa.)

# BEJA E FARO

# CONTRADIÇÕES EM LIBERDADE

A respeito do programa: «Pretendemos lutar e defender as decisões do povo; defender a sua participação em todas as decisões; defender a sua associação em comissões de moradores, sindicatos e ligas; defender a melhoria das condições de vida, sobretudo daqueles que o fascismo mais explorou; e damos prioridade à resolução dos problemas ligados com águas, saneamento, educação e saúde.»

## SOCIALISTAS E COMUNISTAS

Já em Cuba, consigo juntar um socialista e um comunista, precisamente os dois únicos partidos que concorrem às eleições para o Município local.

Diz o simpatizante do Povo Unido: «Os dois programas são praticamente iguais, porque toda a gente conhece as carências do concelho. Precisamos de creches, de jardins de infância, de apoio à primeira infância, de olhar pelo hospital, que se encontra em grandes dificuldades, com uma dívida de mais de 1500 contos. Relativamente às freguesias, temos de tratar do problema da água e das canalizações.» Fala, agora, o socialista: «Não se fez uma lista unitária, porque o P. S. quis apresentar listas próprias em toda a parte. Além disso, o povo, aqui, está muito dividido, é quase como que um Benfica-Sporting, com um cancro grande de que é o álcool. Seria melhor se existisse só uma lista, mas o povo está muito dividido, porque aconteceram muitas queixas. Além disso, o que dividia mais foi a Reforma Agrária:

«Um velho reformado também fala: «Olhe, queria dizer que estou reformado e há três meses que não recebo os novecentos escudos a que tenho direito. É a Casa do Povo que tem de me pagar, mas não paga e não sei de quem é a culpa. Se não pedisse emprestado a este e a aquele, não sei como seria, como poderia comer. E, depois, quando recebo, fico logo

sem dinheiro, porque tenho de pagar as dívidas.»

## LIGEIRO BALANÇO

Apenas mais algumas notas para além daquilo que ficou escrito.

Estive em Serpa, na tentativa de ouvir alguém ligado ao C. D. S. que me explicasse com concorre o partido naquele concelho, incluído na margem esquerda do Alentejo, com grandes tradições antifascistas. Vi-me ali intensamente o problema da Lobata, e só pude saber que ninguém acredita que os contristas obtenham mais de cem votos, se tanto, e que a razão porque se candidatam é derivado de ordens recebidas de Lisboa, admitindo, mesmo que possam vir ainda desistir. Um conhecido agrário local, que viria a avisar-me mais tarde, com Palma Cardir-me-ia o que referi anteriormente, adiantando-me de que pouco valeria a pena pensar em hipóteses especiais.

Mais tarde, em Castro Verde, um conhecido militante socialista local dava-me, em traços largos, a dinâmica em que assentará a campanha na sua zona. Vale a pena apostar na sua lista, segundo ele, porquimidade de uma força política nascida na base — o concelho — com seguimento no distrito — o Governo Civil — um fim, o Governo Central. Em Almódovar, segundo o mesmo informador, a situação é idêntica, enquanto em Ourique se pode encontrar um socialista-democrata a gerir, neste momento, os interesses locais

de uma forma que bem vista por todos os quantes.

No meio de tudo isto, os testes de ensaio das forças partidárias jogam-se em Beja, donde partem todos os ensaios das listas mais diversas para alargar o voto e, a continuar a ser-se uma situação idêntica, conhecida actualmente, pouco mais...

O mesmo não diria um dos elementos da lista União do Povo da Quarteira, concorrente às eleições nesta vila piscatória e de veraneio. Naquela lista não estão indivíduos economicamente bem instalados, nem conduzidos pelos partidos. Ora vejamos:

«Até aqui, estávamos a verificar que tudo isto girava à volta dos partidos. Mas, um grupo de pessoas, em que estou incluído, achou que os partidos não estavam a corresponder, sobretudo as pessoas que diziam estar ligadas a este e àquele partido. Ora nós pensamos que estas eleições têm de ser na base da honestidade e da vontade de fazer das pessoas. Para além disso, os elementos dos partidos não gostam de chamar as pessoas a participar na resolução dos problemas e nós pensamos precisamente o contrário, que devem ser as pessoas a tomar a iniciativa. Temos elementos do centro, da esquerda e até da U. D. P. na nossa lista, mas não é como dizem os senhores da direita, que estamos encapitados. A verdade é que há pessoas que têm saudades do passado e, desta forma, há que lutar para que venha a ficar alguém na Assembleia que este-

disculdar, pensar para si e mais nada. Pensámos arranjar uma equipa disposta a trabalhar, de gajos que, quando entrassem na junta, deixassem a política à porta. Foram precisas 135 assinaturas, o que foi difícil por causa de uns gajos fanáticos, que queriam só discutir política. Temos assinaturas de indivíduos do P. S. D., P. S., P. C., C. D. S. e, na nossa lista, encontramos dois elementos da actual junta, com os quais o povo está satisfeito. Arranjámos uma estrada de cerco, dentro da povoação, alargámos a rua principal, tirámos o entulho do cemitério, que parecia um mata, fomos arranjando os caminhos públicos e fizemos um depósito para a água.»

## TRES CASOS CURIOSOS

Outros três casos interessantes encontrei em Alvor, Mexilhoira Grande e no Barão de S. Miguel. Na primeira das aldeias, que vive da pesca e se encontra completamente assaltada pelo turismo, também a comissão de moradores esteve na base da formação de uma lista unitária.

«Nós unimo-nos em torno desta lista para que isto ande para a frente, pois, se não nos unirmos, está tudo lixado. Temos feito qualquer coisa e queremos fazer muito mais. Temos um terreno já dado para fazer uma escola e limitamo-nos a defender os interesses de Alvor, pois não temos nada a ver com os partidos. O povo da terra está descontente, pois não se tem feito nada, mas se vir alguma coisa ficará satisfeito.»

A Mexilhoira Grande, freguesia que engloba as povoações de Pereira, Arroio, Poio, Senhora do Verde e Figueira, também uma lista independente se apresenta às urnas. A lista surgiu em sequência da desistência do Povo Unido e formou-se com base no trabalho de uma comissão dinamizadora. Engloba representantes de todas as cidades aldeias e pretende dinamizar as populações e apoiar iniciativas de carácter popular. Já criaram em aquela zona três cooperativas, de consumo, agrícola e de habitação e propõem-se lutar por dar «comunicação e transportes às populações dos meios rurais; electrificação dos aglomerados rurais e protecção nos seus mais candentes problemas.»

Contaram-me uma história: «O padre daqui vai para as escolas e sítios recônditos, leva um boletim de voto e diz às populações que nos temos como sigla um X, mas é o mesmo que ter uma foice a martelo, explorando desta forma a ignorância das populações. Mas estas não se mostram muito satisfeitas, pois sabem que o padre nunca faz nada por elas.»

Finalmente, o Barão de S. Miguel, freguesia do concelho de Vila do Bispo, com pouco mais de trezentos eleitores inscritos, a mais pobre de todas as

aldeias que tive oportunidade de visitar: Sem Casa do Povo, sem Junta de Freguesia, sem posto médico, sem quase nada. Tive a satisfação de ouvir muita gente, que se juntou à nossa volta para saber ao que íamos. Contaram-me como apareceu a Lista Unitária dos Trabalhadores:

«Queremos fazer tudo o que seja preciso em reunião. Não se levantaram problemas políticos, mas de pessoas que queiram avançar com isto. Além de nós, aqui, também concorre o P. S., mas na sua lista estão indivíduos que nós sabemos que não são socialistas, porque noutras alturas sempre se opuseram a tudo o que significasse o progresso do povo, inclusivamente no dia em que fizemos uma festa para angariar fundos para o posto médico, que eles sabotaram e até quiseram apedrejar. Por tudo isto, e porque houve pessoas que acharam que era importante apresentar uma lista independente para fazer coisas, é que nós concorremos. Assim, não haverá coisas de partidos, será o povo todo.»

Muito mais haveria para contar. Casos como este existem em Cacela, Castro Marim e Raposeira. Ouvimos alguns. Tivemos a possibilidade de reconhecer as amplas contradições que existem no Algarve, entre a gente do mar e do campo, e de ficar a saber que não só a descrença graças por aquelas bandas como, também, que o jogo partidário não tem convencido. Isto a nível do povo, porque nos grandes centros urbanos, a condição burguesa da maioria dos seus habitantes já se sobrepôs a tudo o resto. Lá e, ao fim e ao cabo, em quase todo o lado.

Uma coisa gostaria ainda de dizer. Se foi importante fazer-se este levantamento, ouvir-se o povo desta ou daquela forma, não mais importante será que, quando o Governo avançar com a publicação de um estatuto financeiro e com a definição da estrutura, competência e funcionamento dos órgãos das autarquias locais, não se esqueça de dar a palavra ao povo. Tomando, por exemplo, como base, muito do que o trabalho produzido pelo «D. P.» tem revelado.

«Constituímos uma lista unitária, porque é a única maneira de andarmos com istura a frente, pois já estamos fartos de partidos e das suas promessas, que nunca concretizaram» — pescadores na rteira, arranjando as redes da pesca

«Formámos o Grupo Independente do Povo da Guia, porque não queríamos aderir a partidos que só o que fazem é

discutir, pensar para si e mais nada. Pensámos arranjar uma equipa disposta a trabalhar, de gajos que, quando entrassem na junta, deixassem a política à porta. Foram precisas 135 assinaturas, o que foi difícil por causa de uns gajos fanáticos, que queriam só discutir política. Temos assinaturas de indivíduos do P. S. D., P. S., P. C., C. D. S. e, na nossa lista, encontramos dois elementos da actual junta, com os quais o povo está satisfeito. Arranjámos uma estrada de cerco, dentro da povoação, alargámos a rua principal, tirámos o entulho do cemitério, que parecia um mata, fomos arranjando os caminhos públicos e fizemos um depósito para a água.»

## A POLITICA FICA A PORTA

Na Guia, pequena povoação junto à estrada Faro-Portimão, inserida numa das zonas mais pobres do Algarve, uma experiência idêntica nos foi narrada por diversos populares, que falaram sobre o que por ali se passa.

«Formámos o Grupo Independente do Povo da Guia, porque não queríamos aderir a partidos que só o que fazem é

discutir, pensar para si e mais nada. Pensámos arranjar uma equipa disposta a trabalhar, de gajos que, quando entrassem na junta, deixassem a política à porta. Foram precisas 135 assinaturas, o que foi difícil por causa de uns gajos fanáticos, que queriam só discutir política. Temos assinaturas de indivíduos do P. S. D., P. S., P. C., C. D. S. e, na nossa lista, encontramos dois elementos da actual junta, com os quais o povo está satisfeito. Arranjámos uma estrada de cerco, dentro da povoação, alargámos a rua principal, tirámos o entulho do cemitério, que parecia um mata, fomos arranjando os caminhos públicos e fizemos um depósito para a água.»

«Nós unimo-nos em torno desta lista para que isto ande para a frente, pois, se não nos unirmos, está tudo lixado. Temos feito qualquer coisa e queremos fazer muito mais. Temos um terreno já dado para fazer uma escola e limitamo-nos a defender os interesses de Alvor, pois não temos nada a ver com os partidos. O povo da terra está descontente, pois não se tem feito nada, mas se vir alguma coisa ficará satisfeito.»

A Mexilhoira Grande, freguesia que engloba as povoações de Pereira, Arroio, Poio, Senhora do Verde e Figueira, também uma lista independente se apresenta às urnas. A lista surgiu em sequência da desistência do Povo Unido e formou-se com base no trabalho de uma comissão dinamizadora. Engloba representantes de todas as cidades aldeias e pretende dinamizar as populações e apoiar iniciativas de carácter popular. Já criaram em aquela zona três cooperativas, de consumo, agrícola e de habitação e propõem-se lutar por dar «comunicação e transportes às populações dos meios rurais; electrificação dos aglomerados rurais e protecção nos seus mais candentes problemas.»

Contaram-me uma história: «O padre daqui vai para as escolas e sítios recônditos, leva um boletim de voto e diz às populações que nos temos como sigla um X, mas é o mesmo que ter uma foice a martelo, explorando desta forma a ignorância das populações. Mas estas não se mostram muito satisfeitas, pois sabem que o padre nunca faz nada por elas.»

Finalmente, o Barão de S. Miguel, freguesia do concelho de Vila do Bispo, com pouco mais de trezentos eleitores inscritos, a mais pobre de todas as

aldeias que tive oportunidade de visitar: Sem Casa do Povo, sem Junta de Freguesia, sem posto médico, sem quase nada. Tive a satisfação de ouvir muita gente, que se juntou à nossa volta para saber ao que íamos. Contaram-me como apareceu a Lista Unitária dos Trabalhadores:

«Queremos fazer tudo o que seja preciso em reunião. Não se levantaram problemas políticos, mas de pessoas que queiram avançar com isto. Além de nós, aqui, também concorre o P. S., mas na sua lista estão indivíduos que nós sabemos que não são socialistas, porque noutras alturas sempre se opuseram a tudo o que significasse o progresso do povo, inclusivamente no dia em que fizemos uma festa para angariar fundos para o posto médico, que eles sabotaram e até quiseram apedrejar. Por tudo isto, e porque houve pessoas que acharam que era importante apresentar uma lista independente para fazer coisas, é que nós concorremos. Assim, não haverá coisas de partidos, será o povo todo.»

Muito mais haveria para contar. Casos como este existem em Cacela, Castro Marim e Raposeira. Ouvimos alguns. Tivemos a possibilidade de reconhecer as amplas contradições que existem no Algarve, entre a gente do mar e do campo, e de ficar a saber que não só a descrença graças por aquelas bandas como, também, que o jogo partidário não tem convencido. Isto a nível do povo, porque nos grandes centros urbanos, a condição burguesa da maioria dos seus habitantes já se sobrepôs a tudo o resto. Lá e, ao fim e ao cabo, em quase todo o lado.

## UMA COISA GOSTARIA

Uma coisa gostaria ainda de dizer. Se foi importante fazer-se este levantamento, ouvir-se o povo desta ou daquela forma, não mais importante será que, quando o Governo avançar com a publicação de um estatuto financeiro e com a definição da estrutura, competência e funcionamento dos órgãos das autarquias locais, não se esqueça de dar a palavra ao povo. Tomando, por exemplo, como base, muito do que o trabalho produzido pelo «D. P.» tem revelado.

«Constituímos uma lista unitária, porque é a única maneira de andarmos com istura a frente, pois já estamos fartos de partidos e das suas promessas, que nunca concretizaram» — pescadores na rteira, arranjando as redes da pesca

«Formámos o Grupo Independente do Povo da Guia, porque não queríamos aderir a partidos que só o que fazem é

discutir, pensar para si e mais nada. Pensámos arranjar uma equipa disposta a trabalhar, de gajos que, quando entrassem na junta, deixassem a política à porta. Foram precisas 135 assinaturas, o que foi difícil por causa de uns gajos fanáticos, que queriam só discutir política. Temos assinaturas de indivíduos do P. S. D., P. S., P. C., C. D. S. e, na nossa lista, encontramos dois elementos da actual junta, com os quais o povo está satisfeito. Arranjámos uma estrada de cerco, dentro da povoação, alargámos a rua principal, tirámos o entulho do cemitério, que parecia um mata, fomos arranjando os caminhos públicos e fizemos um depósito para a água.»

«Nós unimo-nos em torno desta lista para que isto ande para a frente, pois, se não nos unirmos, está tudo lixado. Temos feito qualquer coisa e queremos fazer muito mais. Temos um terreno já dado para fazer uma escola e limitamo-nos a defender os interesses de Alvor, pois não temos nada a ver com os partidos. O povo da terra está descontente, pois não se tem feito nada, mas se vir alguma coisa ficará satisfeito.»

A Mexilhoira Grande, freguesia que engloba as povoações de Pereira, Arroio, Poio, Senhora do Verde e Figueira, também uma lista independente se apresenta às urnas. A lista surgiu em sequência da desistência do Povo Unido e formou-se com base no trabalho de uma comissão dinamizadora. Engloba representantes de todas as cidades aldeias e pretende dinamizar as populações e apoiar iniciativas de carácter popular. Já criaram em aquela zona três cooperativas, de consumo, agrícola e de habitação e propõem-se lutar por dar «comunicação e transportes às populações dos meios rurais; electrificação dos aglomerados rurais e protecção nos seus mais candentes problemas.»

Contaram-me uma história: «O padre daqui vai para as escolas e sítios recônditos, leva um boletim de voto e diz às populações que nos temos como sigla um X, mas é o mesmo que ter uma foice a martelo, explorando desta forma a ignorância das populações. Mas estas não se mostram muito satisfeitas, pois sabem que o padre nunca faz nada por elas.»

Finalmente, o Barão de S. Miguel, freguesia do concelho de Vila do Bispo, com pouco mais de trezentos eleitores inscritos, a mais pobre de todas as

aldeias que tive oportunidade de visitar: Sem Casa do Povo, sem Junta de Freguesia, sem posto médico, sem quase nada. Tive a satisfação de ouvir muita gente, que se juntou à nossa volta para saber ao que íamos. Contaram-me como apareceu a Lista Unitária dos Trabalhadores:

## «Queremos fazer tudo o que seja preciso em reunião. Não se levantaram problemas políticos, mas de pessoas que queiram avançar com isto. Além de nós, aqui, também concorre o P. S., mas na sua lista estão indivíduos que nós sabemos que não são socialistas, porque noutras alturas sempre se opuseram a tudo o que significasse o progresso do povo, inclusivamente no dia em que fizemos uma festa para angariar fundos para o posto médico, que eles sabotaram e até quiseram apedrejar. Por tudo isto, e porque houve pessoas que acharam que era importante apresentar uma lista independente para fazer coisas, é que nós concorremos. Assim, não haverá coisas de partidos, será o povo todo.»

Muito mais haveria para contar. Casos como este existem em Cacela, Castro Marim e Raposeira. Ouvimos alguns. Tivemos a possibilidade de reconhecer as amplas contradições que existem no Algarve, entre a gente do mar e do campo, e de ficar a saber que não só a descrença graças por aquelas bandas como, também, que o jogo partidário não tem convencido. Isto a nível do povo, porque nos grandes centros urbanos, a condição burguesa da maioria dos seus habitantes já se sobrepôs a tudo o resto. Lá e, ao fim e ao cabo, em quase todo o lado.

Uma coisa gostaria ainda de dizer. Se foi importante fazer-se este levantamento, ouvir-se o povo desta ou daquela forma, não mais importante será que, quando o Governo avançar com a publicação de um estatuto financeiro e com a definição da estrutura, competência e funcionamento dos órgãos das autarquias locais, não se esqueça de dar a palavra ao povo. Tomando, por exemplo, como base, muito do que o trabalho produzido pelo «D. P.» tem revelado.

«Constituímos uma lista unitária, porque é a única maneira de andarmos com istura a frente, pois já estamos fartos de partidos e das suas promessas, que nunca concretizaram» — pescadores na rteira, arranjando as redes da pesca

«Formámos o Grupo Independente do Povo da Guia, porque não queríamos aderir a partidos que só o que fazem é

discutir, pensar para si e mais nada. Pensámos arranjar uma equipa disposta a trabalhar, de gajos que, quando entrassem na junta, deixassem a política à porta. Foram precisas 135 assinaturas, o que foi difícil por causa de uns gajos fanáticos, que queriam só discutir política. Temos assinaturas de indivíduos do P. S. D., P. S., P. C., C. D. S. e, na nossa lista, encontramos dois elementos da actual junta, com os quais o povo está satisfeito. Arranjámos uma estrada de cerco, dentro da povoação, alargámos a rua principal, tirámos o entulho do cemitério, que parecia um mata, fomos arranjando os caminhos públicos e fizemos um depósito para a água.»

«Nós unimo-nos em torno desta lista para que isto ande para a frente, pois, se não nos unirmos, está tudo lixado. Temos feito qualquer coisa e queremos fazer muito mais. Temos um terreno já dado para fazer uma escola e limitamo-nos a defender os interesses de Alvor, pois não temos nada a ver com os partidos. O povo da terra está descontente, pois não se tem feito nada, mas se vir alguma coisa ficará satisfeito.»

A Mexilhoira Grande, freguesia que engloba as povoações de Pereira, Arroio, Poio, Senhora do Verde e Figueira, também uma lista independente se apresenta às urnas. A lista surgiu em sequência da desistência do Povo Unido e formou-se com base no trabalho de uma comissão dinamizadora. Engloba representantes de todas as cidades aldeias e pretende dinamizar as populações e apoiar iniciativas de carácter popular. Já criaram em aquela zona três cooperativas, de consumo, agrícola e de habitação e propõem-se lutar por dar «comunicação e transportes às populações dos meios rurais; electrificação dos aglomerados rurais e protecção nos seus mais candentes problemas.»

Contaram-me uma história: «O padre daqui vai para as escolas e sítios recônditos, leva um boletim de voto e diz às populações que nos temos como sigla um X, mas é o mesmo que ter uma foice a martelo, explorando desta forma a ignorância das populações. Mas estas não se mostram muito satisfeitas, pois sabem que o padre nunca faz nada por elas.»

Finalmente, o Barão de S. Miguel, freguesia do concelho de Vila do Bispo, com pouco mais de trezentos eleitores inscritos, a mais pobre de todas as

## UMA COISA GOSTARIA

Uma coisa gostaria ainda de dizer. Se foi importante fazer-se este levantamento, ouvir-se o povo desta ou daquela forma, não mais importante será que, quando o Governo avançar com a publicação de um estatuto financeiro e com a definição da estrutura, competência e funcionamento dos órgãos das autarquias locais, não se esqueça de dar a palavra ao povo. Tomando, por exemplo, como base, muito do que o trabalho produzido pelo «D. P.» tem revelado.

«Constituímos uma lista unitária, porque é a única maneira de andarmos com istura a frente, pois já estamos fartos de partidos e das suas promessas, que nunca concretizaram» — pescadores na rteira, arranjando as redes da pesca

«Formámos o Grupo Independente do Povo da Guia, porque não queríamos aderir a partidos que só o que fazem é

discutir, pensar para si e mais nada. Pensámos arranjar uma equipa disposta a trabalhar, de gajos que, quando entrassem na junta, deixassem a política à porta. Foram precisas 135 assinaturas, o que foi difícil por causa de uns gajos fanáticos, que queriam só discutir política. Temos assinaturas de indivíduos do P. S. D., P. S., P. C., C. D. S. e, na nossa lista, encontramos dois elementos da actual junta, com os quais o povo está satisfeito. Arranjámos uma estrada de cerco, dentro da povoação, alargámos a rua principal, tirámos o entulho do cemitério, que parecia um mata, fomos arranjando os caminhos públicos e fizemos um depósito para a água.»

«Nós unimo-nos em torno desta lista para que isto ande para a frente, pois, se não nos unirmos, está tudo lixado. Temos feito qualquer coisa e queremos fazer muito mais. Temos um terreno já dado para fazer uma escola e limitamo-nos a defender os interesses de Alvor, pois não temos nada a ver com os partidos. O povo da terra está descontente, pois não se tem feito nada, mas se vir alguma coisa ficará satisfeito.»

A Mexilhoira Grande, freguesia que engloba as povoações de Pereira, Arroio, Poio, Senhora do Verde e Figueira, também uma lista independente se apresenta às urnas. A lista surgiu em sequência da desistência do Povo Unido e formou-se com base no trabalho de uma comissão dinamizadora. Engloba representantes de todas as cidades aldeias e pretende dinamizar as populações e apoiar iniciativas de carácter popular. Já criaram em aquela zona três cooperativas, de consumo, agrícola e de habitação e propõem-se lutar por dar «comunicação e transportes às populações dos meios rurais; electrificação dos aglomerados rurais e protecção nos seus mais candentes problemas.»

Contaram-me uma história: «O padre daqui vai para as escolas e sítios recônditos, leva um boletim de voto e diz às populações que nos temos como sigla um X, mas é o mesmo que ter uma foice a martelo, explorando desta forma a ignorância das populações. Mas estas não se mostram muito satisfeitas, pois sabem que o padre nunca faz nada por elas.»

Finalmente, o Barão de S. Miguel, freguesia do concelho de Vila do Bispo, com pouco mais de trezentos eleitores inscritos, a mais pobre de todas as



«Nós, aqui, reunimos um plenário de todos os trabalhadores e já resolvemos em quem iremos votar, pois parece-nos ser a pessoa mais capaz» — trabalhadoras rurais, na apanha da azeitona, na zona do Alvíto

ja em contacto com o povo, para defender os seus interesses.»

## A POLITICA FICA A PORTA

Na Guia, pequena povoação junto à estrada Faro-Portimão, inserida numa das zonas mais pobres do Algarve, uma experiência idêntica nos foi narrada por diversos populares, que falaram sobre o que por ali se passa.

«Formámos o Grupo Independente do Povo da Guia, porque não queríamos aderir a partidos que só o que fazem é

discutir, pensar para si e mais nada. Pensámos arranjar uma equipa disposta a trabalhar, de gajos que, quando entrassem na junta, deixassem a política à porta. Foram precisas 135 assinaturas, o que foi difícil por causa de uns gajos fanáticos, que queriam só discutir política. Temos assinaturas de indivíduos do P. S. D., P. S., P. C., C. D. S. e, na nossa lista, encontramos dois elementos da actual junta, com os quais o povo está satisfeito. Arranjámos uma estrada de cerco, dentro da povoação, alargámos a rua principal, tirámos o entulho do cemitério, que parecia um mata, fomos arranjando os caminhos públicos e fizemos um depósito para a água.»

«Nós unimo-nos em torno desta lista para que isto ande para a frente, pois, se não nos unirmos, está tudo lixado. Temos feito qualquer coisa e queremos fazer muito mais. Temos um terreno já dado para fazer uma escola e limitamo-nos a defender os interesses de Alvor, pois não temos nada a ver com os partidos. O povo da terra está descontente, pois não se tem feito nada, mas se vir alguma coisa ficará satisfeito.»

A Mexilhoira Grande, freguesia que engloba as povoações de Pereira, Arroio, Poio, Senhora do Verde e Figueira, também uma lista independente se apresenta às urnas. A lista surgiu em sequência da desistência do Povo Unido e formou-se com base no trabalho de uma comissão dinamizadora. Engloba representantes de todas as cidades aldeias e pretende dinamizar as populações e apoiar iniciativas de carácter popular. Já criaram em aquela zona três cooperativas, de consumo, agrícola e de habitação e propõem-se lutar por dar «comunicação e transportes às populações dos meios rurais; electrificação dos aglomerados rurais e protecção nos seus mais candentes problemas.»

Contaram-me uma história: «O padre daqui vai para as escolas e sítios recônditos, leva um boletim de voto e diz às populações que nos temos como sigla um X, mas é o mesmo que ter uma foice a martelo, explorando desta forma a ignorância das populações. Mas estas não se mostram muito satisfeitas, pois sabem que o padre nunca faz nada por elas.»

Finalmente, o Barão de S. Miguel, freguesia do concelho de Vila do Bispo, com pouco mais de trezentos eleitores inscritos, a mais pobre de todas as

# NOTÍCIAS DA CAMPANHA

**A** uma semana do início da campanha eleitoral, aumenta a actividade dos partidos, frentes eleitorais e grupos de cidadãos no esclarecimento das populações, para tirar naturais dividendos dos resultados que vierem a alcançar. Os secretários-gerais e presidentes dos partidos também se deslocaram este fim-de-semana a diversos locais, procurando satisfazer a expectativa das populações.

**MÁRIO SOARES NO ALGARVE**

FARO — No âmbito da campanha eleitoral em curso para os órgãos das autarquias locais, o dr. Mário Soares esteve dois dias no Algarve, tendo, ontem à noite, regressado a Lisboa, num avião da TAP. Na qualidade de secretário-geral do P. S., Mário Soares presidiu a dois comícios — um em Silves, outro em Tavira —, para apresentação dos candidatos daquele partido. Além daquelas localidades, o líder socialista, após um breve período de descanso, num hotel de Faro, onde se instalou, visitou, no sábado, sucessivamente, Loulé, Albufeira, Portimão, Alvor, Pechão, Estói e Santa Bárbara de Mexe. Na manhã de domingo, Mário Soares percorreu as instalações do Mercado Municipal de Faro, onde a sua presença suscitou natural curiosidade por parte das pessoas que ali se encontravam, as quais manutiveram com o líder socialista um animado e aberto diálogo, através do qual muitas pessoas aproveitaram o ensejo para dizer ao primeiro-ministro «que a vida estava muito cara no Algarve».

Dali, Mário Soares seguiu, em cortejo automóvel, na direcção de Orlhão, visitando, a seguir, Fuseta e Vila Real de Santo António e, no regresso a Faro, passou por Monte Gordo fazendo, pouco depois, uma breve paragem no Lugar da Altura, para satisfazer um pedido dos numerosos militantes do P. S. que ali se haviam concentrado para o abraço. No Livramento, o secretário-geral do P. S. recebeu um grupo de pescadores que lhe expuseram a problemática da zona pesqueira da Fuseta, destacando a importância desta, no contexto económico do País.

Nas respostas que deu às populações que dele se abeiraram, durante esta sua digressão por terras algarvias, Mário Soares fez questão de acentuar que o programa do P. S. contempla muitos dos problemas que lhe foram apresentados, ao mesmo tempo que apelou para que votem no Partido Socialista.

Nesta sua deslocação ao Sul do país o secretário-geral do P. S. fez-se acompanhar dos socialistas algarvios Romero Magalhães e Soares Louro, respectivamente secretário de Estado da Educação Pedagógica e subsecretário de Estado da Comunicação Social, além de numerosos militantes socialistas do Algarve, entre os quais figurava o governador-civil de Faro.

Esta viagem do líder socialista foi objecto de uma reportagem filmada, a cargo de uma equipa da TV alemã, que será apresentada no programa semanal de política internacional da aquela estação emissora o qual se intitula «Wettpiegel».

**SA CARNEIRO EM AVEIRO: «NÓS, COMO PARTIDO, PASSAMOS A OPOSIÇÃO ABERTA AO GOVERNO»**

AVEIRO — «O que gostaria de ter visto aceite era o desafio que fiz, há mais de um ano, de ir à Televisão, ter um frente-a-frente com o secretário-geral do Partido Socialista e, também, com o secretário-geral do Partido Comunista. Mas nunca me deram essa oportunidade» — diria Sá Carneiro, a dado passo da sua intervenção no comício que o seu partido realizou, ontem, no Pavilhão do Beira-Mar, para apresentação dos candidatos às eleições para as autarquias locais pelo distrito de Aveiro.

Sá Carneiro diria ainda que «a social-democracia sempre se opôs ao fascismo e ao comunismo».

Referindo-se à actividade do Governo, o dr. Sá Carneiro afirmou: «Apela-se para o investimento privado, mas não se sabe ainda aquilo que será privado e aquilo que será público. O Governo nem sequer tomou providências para assegurar o pagamento das indemnizações aos pequenos investidores das empresas nacionalizadas».

Mais adiante, diria que «nós não precisamos, nem queremos, que nos mandem ministros para as nossas terras; nós queremos e precisamos é que nas nossas terras nos deixem constituir os governos que as populações querem e que lhes deem meios técnicos e financeiros para desenvolverem essas nossas localidades. É isto que não está a acontecer, é isto que não vai acontecer».

O presidente do P. P. D./P. S. D., depois de afirmar que o orçamento apresentado é um orçamento de descalabro e de abismo nacional, diria que «nós, como partido, dizemos que passamos à oposição aberta ao Go-

verno, a bem da democracia e a bem do País. Não vamos procurar derrubar o Governo, pois, pelo caminho que ele leva, cairá sozinho. Assim como está orgulhosamente só, também cairá por si, orgulhosamente só. Também não lhe queremos fazer companhia no Governo. Não estamos dispostos a cautionar uma política que está a ser ruína para a Nação».

Diria ainda, a finalizar: «Estamos dispostos a pôr a nossa deferência, a nossa seriedade, a nossa competência ao serviço de um Governo nacional que tenha a confiança do Presidente da República que é o eixo fundamental da democracia portuguesa».

Falaram, ainda, Dinis Souto Maior, José da Cruz Neto, Maria Antónia Pinho, Sebastião Dias Marques, Lurdes Breu e Vitor Mangerão.

**CINFEAS: P. S. D. APOIA C. D. S.**

PORTO — O C. D. S. distribuiu um panfleto de propaganda à candidatura da sua lista para a Assembleia e Câmara Municipal do concelho de Cinfeas, em que se anuncia o apoio do P. S. D./P. P. D. a essa lista.

No impresso distribuído pode ler-se:

«Porquê, o apoio do P. S. D./P. P. D. a esta lista? Teve o C. D. S. o maior cuidado na escolha das pessoas para o desempenho do cargo. Cliente de que a unidade é condição indispensável para um trabalho sério e frutuoso, decidiu incluir na sua lista nomes de pessoas totalmente independentes e até filiados em outros partidos. Por esta razão, o P. S. D./P. P. D., partido com grande implantação no nosso meio, resolveu, não só não concorrer às eleições para o Município, mas, também, apoiar totalmente esta lista.»

**COMÍCIO NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS**

«Na maior parte das terras do País, as eleições para as autarquias locais significam, em primeiro lugar, a esperança de um poder local que possa impor-se ao centralismo lisboeta. Mas, em Lisboa, as pessoas habituaram-se de tal modo à confusão de poderes que nem se apercebem da importância das eleições, nem aliás se deixam aperceber» — afirmou Magalhães Mota, no decorrer de um comício promovido pelo P. S. D., ontem, em Lisboa. Diria, ainda, que «a verdade é que Lis-

boa é vítima da dimensão que a deixaram ter, pois em nenhum outro lugar as rendas são mais caras, o custo de vida maior, os transportes mais difíceis. Para onde vão as receitas cobradas? Que contrapartida é dada a quem paga impostos cada vez maiores, os preços dos transportes cada vez mais elevados? Buracos nas ruas, falta de policiamento, bichas intermináveis e horas de espera para chegar ao emprego ou a casa? Por tudo isto, Lisboa precisa de ser governada, pela primeira vez, por si só».

**COMÍCIO DO G.D.U.P. NO PORTO**

PORTO — No Palácio de Cristal, efectuou-se um comício do G. D. U. P., para apresentação do programa e dos elementos das listas de Unidade Popular candidatas à Câmara e à Assembleia Municipal do Porto e cuja abertura foi assinalada com canções revolucionárias.

Presidiu à mesa o dr. Brochado Coelho, membro da Comissão Nacional de Unidade Popular. Após a apresentação dos candidatos, o dr. Brochado Coelho, cabeça de lista dos candidatos e da lista à Assembleia Municipal, procedeu à leitura de comunicações de moradores de Massarelos e da Sé, onde o G. D. U. P. não concorre, justificando os motivos.

Usaram, em seguida, da palavra, Nuno Pereira da Silva, Manuel Rodrigues e o arq. Alves Costa cabeça de lista para a Câmara Municipal, que referiu os objectivos das candidaturas do M. U. P., os quais «não são a conquista de lugares no aparelho de Estado, utilizando o povo para depois o dividir». A terminar, o orador disse que, «se conseguirmos, com a participação nas eleições, fazer assumir o nosso programa de luta por largas camadas da população, se conseguirmos que se reforce a organização popular à volta da sua defesa, já será uma vitória». O comício terminou com os presentes entoando o hino do M. U. P.

**INVULGAR REUNIÃO EM FAMILIÃO**

Ontem, de manhã, no Cine-Teatro Augusto Correia, em Vila Nova de Famalicão, realizou-se uma reunião fora do vulgar e que bem poderia constituir um exemplo: os quatro partidos concorrentes às eleições para a Câmara Municipal, juntaram-se para discutir, exclusivamente, problemas municipais. A ideia nasceu num encontro de representantes dos par-

tidos, efectuado na sede do Partido Socialista daquela vila. Tomaram parte, além do P. S., o P. S. D., o C. D. S. e a F. E. P. U., e foi moderador o dr. António Cândido de Oliveira.

Inicialmente, cada um dos partidos apresentou uma exposição breve sobre a política do Município e os seus problemas. Na segunda parte, cada um dos representantes das listas concorrentes às eleições do próximo domingo respondeu a perguntas feitas pelos restantes.

A sala do teatro estava completamente cheia e o encontro resultou numa verdadeira sessão de esclarecimento público sobre os programas de cada lista.

**P. P. M. ACEITA REPTO DO P. S. D.**

O Partido Popular Monárquico distribuiu um comunicado em que afirma: «A nossa candidatura para a Câmara Municipal de Lisboa, representada por Gonçalo Ribeiro Teles, João Vaz Vieira e Augusto Ferreira do Amaral, aplaude a proposta das candidaturas do P. S. D., e adere à realização de um debate pública entre as diversas listas».

**CONVITE EM PORTALEGRE**

O P. S. D. convidou, em Portalegre, o P. S., a F. E. P. U., o C. D. S. e os G. D. U. P., concorrentes às eleições para as autarquias locais, para um debate público conjunto, a realizar no final da campanha eleitoral, para que a população do concelho fique habilitada a votar com inteira consciência no dia 18.

**PROTESTO DA F. E. P. U.**

A Frente Eleitoral enviou ao Presidente da República, Conselho da Revolução, primeiro-ministro, presidente da Assembleia da República, Presidente da Comissão Constitucional, Comissão Nacional de Eleições, M. A. I. e administração da R. T. P. o seguinte telegrama:

«Na sexta-feira, 3 de Dezembro, no Programa «Linha Directa», o secretário-geral do Partido Socialista, dr. Mário Soares, aproveitando-se do acesso que tem à Televisão, como primeiro-ministro, não hesitou em, abusivamente, fazer afirmações partidárias que contém

graves calúnias contra a Frente Eleitoral Povo Unido, frente constituída nos termos da lei eleitoral.

A Comissão Coordenadora da Comissão Nacional da Frente Eleitoral Povo Unido protesta indignadamente contra estas declarações caluniosas, que atingem, além dos três partidos que integram a Frente, milhares de democratas independentes que a ela aderem diariamente, e revelam por parte do dr. Mário Soares absoluto desprezo pela lei eleitoral, pela ética da campanha eleitoral que exige igualdade de condições para as candidaturas, e pela legalidade democrática assente na Constituição.

O sr. dr. Mário Soares falta assim às mínimas regras da convivência democrática e mostra o seu ódio pelo entusiasmo popular à volta da Frente Eleitoral Povo Unido, realidade unitária verdadeiramente democrática que como tal não deixará de lutar pela Democracia e pela Liberdade do nosso país.

A Comissão Coordenadora da Comissão Nacional da Frente Eleitoral Povo Unido vai exigir direito de resposta em tempo eficaz através da R. T. P. e dos órgãos de comunicação social que devem cobertura aquelas declarações.»

**CARLOS COSTA: «É MENTIRA QUE A F. E. P. U. SEJA UMA MÁSCARA DO P. C.»**

No comício da F. E. P. U., realizado no sábado, no Pavilhão dos Desportos do Porto, Carlos Costa, membro do Comité Central do P. C. P. denunciou estranhas coligações partidárias. Segundo aquele responsável da F. E. P. U., o P. S., o P. P. D. e o C. D. S. fizeram uma aliança nos distritos de Beja, Évora, Portalegre e Setúbal, aliança essa que mantém secreta. Em terras onde o P. C. P. dificilmente seria derrotado, o P. P. D. e o C. D. S. participaram nas listas do P. S. e em Rio Maior, o «Cabeça de lista do P. S. é militante do C. D. S.».

Carlos Costa acentuou que o objectivo é fazer com que uma coligação, no Alentejo, diminua a força do P. C.

Considerou uma mentira a afirmação de que a lista do Povo Unido é uma máscara do P. C. P. e citou números referentes à presença de militantes do P. S. e homens sem partido nas listas da F. E. P. U.

E perguntou: «Quem é que não respeita o fogo democrático, afirmando que o P. C. P. participa às claras numa coligação?»

## O EXERCÍCIO DO DIREITO DE VOTO ATRAVÉS DE REPRESENTANTE

Do Secretariado Técnico dos Assuntos Políticos e Eleitorais (Ministério da Administração Interna), recebemos um comunicado sobre o processo eleitoral, que interessará, principalmente, aos cidadãos que, impedidos de o fazer pessoalmente, terão de recorrer a um representante para usarem do respectivo direito de voto. O texto é do seguinte teor:

«Realizou-se, no dia 2, o primeiro treino global do sistema de escrutínio provisório, sistema esse coordenado por este Secretariado Técnico e cuja execução cabe ao Centro de Informação do Ministério da Justiça, como sistema de processamento de dados e principal, é ao Instituto Nacional de Estatística, como sistema de reserva, contando, ainda, com a colaboração da Arma de Transmissões e dos CTT-T. L. P. no envio e recepção das mensagens.»

A nível local, há toda uma infra-estrutura que, das secções de voto aos Governos Cívicos, passando pelas Juntas de Freguesia e Câmaras Municipais, assegura a transmissão dos resultados.

Aproximando-se a data de 12 de Dezembro, julga útil o Secretariado Técnico dos Assuntos Políticos e Eleitorais, do M. A. I., recordar que a actual legislação consagra o exercício do direito de voto através de representante. Podem fazê-lo os

membros das Forças Armadas e militarizadas, os trabalhadores das repartições civis do Estado, dos autarquias locais, dos estabelecimentos hospitalares, das empresas públicas ou das empresas concessionárias de serviços públicos que, no dia da eleição, estiverem impedidos de se deslocarem às secções de voto em que se encontram inscritos por motivo do exercício das suas funções. O representante votará no dia da eleição, apresentando a procuração e o documento comprovativo do impedimento de representante.

Também aos cidadãos eleitores que na data fixada para a eleição se encontrem embarcados assiste igual direito, devendo os mesmos, para o efeito,

dirigir, até ao dia 8 de Dezembro, aos seus representantes e às comissões administrativas municipais (ou administradores de bairro), os respectivos telegramas de delegação do direito de voto e que serão do seguinte teor:

Presidente da Comissão Administrativa Municipal ou Administrador de bairro...

Delego em... (nome completo do representante), residente na freguesia... exercício meu direito de voto.

(Nome completo do cidadão eleitor representado.)

(Nome completo do comandante do navio ou quem as suas vezes fizer.)

É importante esclarecer que, na procuração, a passar por militares, ou elementos das for-

ças militarizadas, aos seus representantes, a assinatura reconhecida pelos comandantes da unidade militar ou da força mi-

litarizada, acompanhada do selo branco, tem o mesmo valor do reconhecimento notarial para os cidadãos eleitores civis.»

dp especial

**Eleições para as Autarquias**